

Sobre comprar fósforos. E bebês. Mantenha ao alcance de uma mulher (ou de duas). Resenha da peça *Mantenha fora do alcance do bebê*

*About Buying Matches. And babies. Keep Within Reach of a Woman (or Two). Review of the Play *Mantenha fora do alcance do bebê*.*

Autoria: Lígia Rodrigues Balista

 <https://orcid.org/0000-0003-4889-0121>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180187>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180187>

Recebido em: 18/12/2020. Aceito em: 09/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 10, nº 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

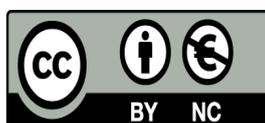
Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

BALISTA, Lígia Rodrigues. Sobre comprar fósforos. E bebês. Mantenha ao alcance de uma mulher (ou de duas). Resenha da peça *Mantenha fora do alcance do bebê*. *Opiniões*, n. 18, p. 568-576, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180187>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180187>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

sobre comprar
fósforos. e bebês.
mantenha ao alcance
de uma mulher
(ou de duas)
resenha de
*mantenha fora do
alcance do bebê*

About Buying Matches. And babies. Keep Within Reach of a Woman (or Two).
Review of the Play *Mantenha fora do alcance do bebê*

Lígia Rodrigues Balista¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180187>

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, pesquisa dramaturgia e teatro brasileiro. Email para contato: ligiabalista@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4889-0121>

Resumo

Resenha da peça “Mantenha fora do alcance do bebê”, de Silvia Gomez

Palavras-chave

Literatura brasileira. Teatro. Literatura de mulheres. Maternidade. Silvia Gomez.

Abstract

Review of the play “Mantenha fora do alcance do bebê”, by Silvia Gomez.

Keywords

Brazilian literature. Play. Women's literature. Motherhood. Silvia Gomez.

*“Trata-se de uma aposta, sem garantias,
como o são todos os grandes gestos humanos”*
(IACONELLI, 2019, p. 26)

“Posso levá-lo agora?” A frase, repetida mais de dez vezes por uma das personagens femininas ao longo da peça, fica ecoando ao leitor pela insistência. Insistência que recoloca o aparente absurdo do desejo de ter um bebê, apesar de tudo. Apesar do mundo com lobos, apesar do estado emocional que aquela mulher vai demonstrando no diálogo com a outra. Apesar da possível falta de fósforos. Apesar dos próprios bebês – com suas “risadinhas gordas”, adoráveis, como a própria mulher diz, mas perturbadoras, como ela demonstra.

Mantenha fora do alcance do bebê, de Silvia Gomez, constrói, em texto teatral, um olhar cuidadoso sobre aspectos da condição de ser mulher e da possibilidade de ser ou não mãe. Com todas suas ambivalências. Duas mulheres sem nome, identificadas por 1 e 2, apresentam variações de emoções e reflexões sobre essa condição em um mundo de atribulações várias e marcado pelo consumo e pelas incertezas.

Um texto que costura a busca por um bebê com fósforos, lobos, cu, nitroglicerina. Se a peça inicialmente aparenta ser sobre adoção e maternidade, o texto se constrói muito mais amplamente do que apenas na investigação desse tema. Trata da relação existente, ou possível, com filhos (Tê-los ou não? Por que tê-los? Como tê-los?). Mas trata ainda (e, talvez, principalmente) de solidão, do mal estar no mundo. Com ou sem filhos.

Silvia Gomez vai consolidando um percurso de dramaturgia importante na cena teatral brasileira do momento. O primeiro texto da autora mineira, que participou do Círculo de Dramaturgia do Centro de Pesquisa Teatral, sob a coordenação de Antunes Filho, foi *O céu cinco minutos antes da tempestade*, publicado em 2006 e traduzido para mais de cinco línguas estrangeiras. Em 2014, produz essa peça necessária – e que deve, sem dúvidas, compor o horizonte de quem estuda textos de autoria feminina dos últimos anos. Vencedora do Edital I Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos do Centro Cultural São Paulo 2014, a peça *Mantenha fora do alcance do bebê* estreou no Centro Cultural de São Paulo em 12 de junho de 2015 e foi publicada também em 2015 pelo próprio Centro Cultural, com distribuição gratuita. Ganhou os prêmios APCA 2015 e Aplauso Brasil 2015. Em 2016, a peça seguiu em cartaz, sendo apresentada em outros teatros e cidades.

Trato aqui mais da dramaturgia do que das encenações, sem perder de vista, é claro, as especificidades deste gênero textual, que se realiza no palco. O texto teatral divide-se em apenas duas cenas, com três personagens – ou cinco, se considerarmos também o lobo e o bebê (que aparecem apenas em menção, ou presença visual, no caso do lobo, e sonora, no caso do bebê).

Na primeira cena, há o diálogo entre a Mulher 1 e a Mulher 2, no que parece ser um processo regular de adoção de uma criança. A primeira “é elegante em seu vestido vermelho de bolinhas. Está sempre se coçando” (GOMEZ, 2015, p. 9), é entrevistada nessa espécie de escritório de uma repartição pública pela segunda, que “usa um terninho sem personalidade. Parece mais velha do que de fato é” (2015, p.

9). Aos poucos, o que parecia “bem comportado” (dentro do que a Mulher 1 lista como necessidade de “parecer adequada”) vai se mostrando fora de controle de qualquer formulário. E a Mulher 2 sente esse desconforto – que a toca para além da função de trabalho ali exercida.

O local quase asséptico do início vai se preenchendo do que não se esperava: o início da entrevista burocrática, fria e estéril (com as falas que parecem terem sido treinadas, por ambos os lados) contrasta com as marcas reais das mulheres que aparecem nas brechas dos discursos de cada uma.

Mulher 1: ...Comprar um carro depois de tirar a carteira de habilitação. Estar habilitada. Comprar um bebê para levar no banco de trás do carro. Comprar um banquinho de segurança para o bebê no carro, virar à esquerda numa rua movimentada. Lembrar-se de dar seta e virar à esquerda acreditando que o carro de trás vai parar... (para a Mulher 2) São umas coisas mais para eu lembrar a mim mesma, sabe...?

Mulher 2 (interessada): É, dá para notar.

Mulher 1: ...Pagar o condomínio e ter estoques de fósforos. Colocar fogo em tudo aquilo. Comprar um bebê, não, melhor comprar um carro e fazer um bebê com o marido. Dar o cu. Ter senso de direção. Comprar um bebê, dar um bebê, adotar um bebê, comprar um assento para transportar com segurança o bebê no carro... (vacilante, ela para e olha para a outra, que parece interessada)

Mulher 1: ..Comprar um bebê de cabelo liso, chamar a assistência técnica do filtro, ter um bebê definitivo, não, melhor comprar um cachorro, eles duram menos tempo, mas os cachorros não choram. Dar o cu. Mas eles latem. Financiar uma geladeira com degelo automático... (2015, p. 23).

Na segunda cena, o marido (que era, até então, apenas mencionado no diálogo entre as duas mulheres e nas rubricas – estando fora do quadro principal, ao lado de um orelhão que toca, mas ele não atende) entra no espaço do escritório em que ocorria a entrevista. Ele vem para buscar sua esposa e se justifica pelo atraso comentando o trânsito e a interdição das linhas de trem.

Rubens: Qualquer coisa a ver com lobos selvagens, não sei, uma superpopulação de lobos, diziam nos alto-falantes.

Mulher 2: É alarmante.

Rubens: Andam nas linhas férreas, não sabem que vão ser atropelados.

Mulher 1 (olha para ele): Foram atropelados?

Rubens: É, seus corpos interditam as linhas.

(...)

Mulher 1: Estão mortos?

Rubens: É, foi como eles disseram.

(2015, p. 41-42).

Esse “eles” mencionado mais de uma vez, que não se sabe ao certo a quem se refere, também marca a construção da dramaturgia: referência vaga o suficiente para deixar em suspenso o referente, ao mesmo tempo, aberta para ser completada por algo mais amplo que envolva os três da cena e nós todos que compartilhamos de elementos do mesmo mundo.

Enquanto as imagens de lobos nos trazem o universo dos contos populares infantis para a produção de sentidos desse texto, alguns diálogos nos remetem a uma das peças mais conhecidas do século XX no teatro ocidental. Difícil não ler trechos dessa peça de Silvia Gomez sem trazer *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, à mente. Duas figuras em cena, que dialogam sobre algo banal e, ao mesmo tempo, crucial para a existência humana, e um “porvir” que sempre aparece e interrompe o diálogo – mesmo não se sabendo ao certo o que está por vir. As repetições intensificam esse compasso de espera, de iminência de que algo maior ocorra envolvendo aquelas pessoas. O orelhão que toca e o marido da Mulher 1 não atende, por mais de uma vez, reforça esse compasso de espera.

Lida em um ano como 2020 – longe de ser um ano qualquer, muito menos para mulheres, muito menos para mães... – a peça convida a outra associação com personagens femininas de uma produção recentíssima. Os trechos sobre fogo e explosões podem nos remeter a uma criação audiovisual que tem feito sucesso no debate atual, em especial nos debates que valorizam as criações estéticas envolvendo fatores femininos. No caso, o ser mulher, ser mãe, ser filha em momentos de mudanças sociais da segunda metade do século XX. A série *Little Fires Everywhere*, baseada no romance de Celeste Ng, de mesmo nome, se inicia a partir do dilema de quem teria colocado fogo naquela estrutura aparentemente tão adequada e perfeita da casa de uma “mãe de família”. De perto, vemos que as diversas mulheres da série (mais novas, mais velhas, mães ou não, em suas diversas formas de relações de amizade e maternidade) teriam todas motivos para aquele dilema e para o ato em si. Na peça *Mantenha fora do alcance do bebê*, se a primeira menção a colocar fogo e a uma explosão parece uma ideia descabida, que facilmente seria taxada de loucura da mulher que a pronuncia, aos poucos vai se mostrando uma saída possível – e quase plausível para a outra.

O termo “explodir” aparece quase vinte vezes no texto, concentrados na boca da Mulher 1. E marca os diálogos finais do texto... A lista da Mulher 1, com pretensão de ser um tipo de organização concreta e mental dos afazeres práticos e das obrigações sociais, exposta à outra no processo de entrevista, explicita as contradições e ambivalências da busca por existir nesse mundo. Por “ser adequada”. Por tentar “ter um bebê”.

Mulher 2: Não é assim que funciona, você sabe... Tem de haver certeza.

Mulher 1: Mas esse tipo de certeza que você quer, por exemplo, eu tenho de fazer o supermercado, não tenho certeza se há fósforos na despensa e isso me apavora, já imaginou ficar sem fósforos e velas durante uma tempestade que destrua os postes elétricos?

(2015, p. 33).

Certezas é o que não há – nem na maternidade, nem no desenrolar da peça... Se, por alguns momentos, as duas personagens se aproximam, parecem semelhantes em algumas escolhas taxadas de “femininas”, em diversos pontos se afastam. A Mulher 2 não usa fósforos. “Nunca” (2015, p.33). A Mulher 2 não tem filhos. A Mulher 2 não tem aliança, não tem marido. Todavia, elas se entendem de alguma forma. As duas (lembrando serem aqui “todas” as mulheres da peça...) se aproximam na solidão e nas incompreensões e insatisfações. A Mulher 2 vai aos poucos revelando também seu mal-estar: apesar de uma dieta rigorosa de alimentos crus, tem gastrite. O que também não é socialmente aceito em seu meio.

Mulher 2: (pausa) Mas você não pode contar isso para ninguém porque os higienistas, sabe, os higienistas não podem ter gastrite.
Mulher 1: Todo o mundo tem gastrite.
(2015, p. 35)

Se o diálogo entre as duas se inicia com a exposição de como é aquela Mulher 1 – e a distância do que ele “deveria” ser... – acabamos conhecendo, nos entremeios da conversa, também a Mulher 2. A que não está ali para se mostrar, nem está à procura (espera?) de um bebê. Se o início da primeira cena as diferencia, tanto pela roupa quanto pela função naquele encontro, a gastrite as aproxima. Esse mal estar interno que não é exclusividade da 1 ou da 2. Que as acomete de forma a aproximá-las. Usando fósforos ou não. Tendo filhos ou não.

Se tem algo que a possível ou real chegada de um bebê abala são nossas fantasias (IACONELLI, 2019, p. 53). De todos ao redor. Os descompassos com as expectativas sociais marcam o texto:

Mulher 1: Acha que posso comprar o bebê mesmo assim?
Mulher 2: Comprar?
Mulher 1: É, sem fósforos na despensa, por exemplo.
Mulher 2: Você disse mesmo comprar?
Mulher 1: Eu disse comprar o bebê?
Mulher 2: É.
Mulher 1: Não, eu disse adotar, eu quis dizer adotar um bebê, acha que posso comprá-lo mesmo assim?
(2015, p. 34).

Consumo, consumismo, compras... O texto não trata diretamente disso, mas trata. Maneiras de se relacionar.

O marido da Mulher 1, único de nome próprio na peça, entra em cena quando a tensão entre as duas vai aumentando. Sua presença, a princípio, seria para “resolver” o conflito e o perigo instalado ali. Porém, não é

Rubens: Vamos lá, vai nos fazer um favor, termine logo com isso, não há como continuar, vamos lá, chega. (...) (*para a Mulher 2*) Você não acha que ela vai nos fazer um favor?

Mulher 2: Eu...

Rubens: Ou vai me dizer agora que está tudo bem, que adora esse escritório, esse lobo, tudo isso? Vai abrir bem a boca e dizer o quanto adora tudo isso? (*ela não responde*) Vai?

Mulher 2 não responde.

Rubens (*para a esposa*): Vamos, o que está esperando para explodir?

(2015, p. 47).

A construção sonora que acompanha o texto a partir daí compõe os sentidos do texto. A entrada da canção *Ain't Got No/I Got Life*, de Nina Simone – indicada para tocar na parte final da peça – junto a outros sons, conduz ao fim do texto. A sobreposição com risadas de bebês, que marca sonoricamente a parte inicial do texto, caminha para outro som misturado: dos personagens em contagem. Contagem para a explosão? Para o fim daquele mal-estar...?

A cena termina vazia. A não ser pela persistência do lobo.

referências bibliográficas

GOMEZ, Silvia. *Mantenha fora do alcance do bebê*. São Paulo, CCSP Edições: 2015.

IACONELLI, Vera. *Criar filhos no século XXI*. São Paulo: Contexto, 2019.